



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

"Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte". Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de "trabalho de campo" da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

Uma antropologia para além do ?Outro?: reflexões de uma antropóloga negra entre os Mapuche

Autoria: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Ao longo do tempo, o conhecimento antropológico construiu-se fundamentalmente com base na ideia de outrem: na ideia de que a antropologia é o produto de uma descrição e de uma análise sobre um ?Outro? ? diferente, por vezes de maneira radical, daquele que produz o texto etnográfico. Por mais que essa alteridade radical marque em especial o início da disciplina, e que, obviamente, muito tenha mudado desde então, a ideia de uma relação de outridade, em que prevalece a diferença, como base do fazer antropológico persiste. Em tempos mais recentes, a maior presença de pesquisadores negros e indígenas nas universidades brasileiras vem colocando novas questões à disciplina de uma maneira geral, especialmente no que diz respeito ao chamado ?work de campo?. E muitas dessas questões colocam problemas para a ideia de que a antropologia se constrói no encontro com esse Outro. Se a antropologia é a ciência que se dedica ao estudo



do Outro, como explorou Marimba Ani (1994), o que acontece quando esse Outro deixa de ser ?objeto? dos estudos antropológicos e passa a assumir a posição de antropólogo? O que acontece quando aqueles sistematicamente silenciados nos espaços acadêmicos, como alerta Grada Kilomba (2019), retomam sua voz na posição de produtores de conhecimento antropológico? O par que funda a antropologia ? a divisão ?nós?/?eles?, sujeito de um lado objeto(s) de outro ? se desestabiliza. Também a divisão ?campo? (aquele local distante onde o antropólogo encontra seus ?nativos?) e ?casa? (onde se produz o texto etnográfico) tende a perder sentido (NARAHARA, 2018), ou pode até mesmo se dissolver por completo (DOLLIS, 2017; VIRGILIO, 2018). No presente work, pretendo apresentar uma série de reflexões sobre a premissa de que a antropologia se faz, necessariamente, no encontro com o Outro. Tais reflexões têm como ponto de partida fundamental a minha experiência etnográfica com Mapuche que vivem na região de Neuquén, norte da Patagônia argentina. Esta vivência originou a minha tese de doutorado, que se centrou em práticas cosmopolíticas mapuche relacionadas à presença de empresas de petróleo na região. Além disso, também usarei como base alguns textos etnográficos produzidos por antropólogos negros e indígenas.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: